5. Bibliografia

5.1 Artigos, livros e traduções de Capistrano de Abreu

ABREU, Capistrano de. A literatura brasileira contemporânea [1875]. In:
Ensaios e estudos, 1ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
O caráter nacional e as origens do povo brasileiro [1876]. In:
Ensaios e estudos, 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
Biografia. História da fundação do Império Brasileiro (sobre Pereira da
Silva) [10/03/1877]. In: Ensaios e estudos, 4ª série. Rio de Janeiro:
Civilização Brasileira, 1976.
José de Alencar [13/12/1877]. In: Ensaios e estudos, 4ª série.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto
Seguro [1878]. In: Ensaios e estudos, 1ª série. Rio de Janeiro:
Civilização Brasileira, 1975.
Raimundo Antonio Rocha Lima [1878]. In: Ensaios e estudos, 1ª
série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
Uma grande idéia (sobre o IHGB) [17/04/1880]. In: Ensaios e
estudos, 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
Livros e letras (sobre Matoso Maia) [17/04/1880]. In: Ensaios e
estudos, 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
Livros e letras (sobre Matoso Maia) [29/07/1880]. In: Ensaios e
estudos, 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
Livros e letras (sobre Oliveira Martins) [19/10/1880]. In: Ensaios
e estudos, 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
História Pátria. Ensaio de generalização por Silvio Romero [1880]. In:
Ensaios e estudos, 3ª série. Rio de Janeiro: Civilização brasileira,
1076

Camões de perfil [1881]. In: Ensaios e estudos, 1ª série. Rio de
Janeiro: Rio de Janeiro, 1975.
Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes,
adorações e cerimônias [1881]. In: Ensaios e estudos, 1ª série. Rio de
Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
Variedade [02/09/1881]. In: Ensaios e estudos, 4ª série. Rio de
Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
Sete de Setembro [07/09/1881]. In Ensaios e estudos, 4ª série.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
Gravetos de História Pátria [29/09/1881]. In: Ensaios e estudos,
4 ^a série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
Gravetos de História Pátria [05/10/1881]. In: Ensaios e estudos,
4 ^a série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
Gravetos de História Pátria [09/10/1881]. In: Ensaios e estudos,
4 ^a série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
Gravetos de História Pátria [14/10/1881]. In: Ensaios e estudos,
4 ^a série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
Gravetos de História Pátria [06/11/1881]. In: Ensaios e estudos,
4 ^a série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
Gravetos de História Pátria [09/11/1881]. In: Ensaios e estudos,
4 ^a série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
Gravetos de História Pátria [09/12/1881]. In: Ensaios e estudos,
4 ^a série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
Gravetos de História Pátria [29/05/1882]. In: Ensaios e estudos,
4 ^a série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
José de Alencar [12/12/1882]. In:Ensaios e estudos, 4ª série.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
José de Alencar [20/12/1882]. In:Ensaios e estudos, 4ª série.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
Sobre o Visconde de Porto Seguro [1882]. In: Ensaios e
estudos. 1ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1975.

O descobrimento do Brasil. Seu desenvolvimento no século XVI
[1883]. In: O descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização
Brasileira, 1976.
Literatura Brasileira [01/03/1886]. In: Ensaios e estudos, 4 ª
série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
Os primeiros descobridores de minas [1887]. In: Caminhos
antigos e povoamento do Brasil. Belo Horizonte /São Paulo: Itatiaia/USP,
1988.
Prefácio à História do Brasil de Frei Vicente do Salvador [1888]. Anais
da Biblioteca Nacional, Vol. 13, 1888.
Notas sobre a Paraíba [1892]. In: Ensaios e estudos, 1ª série.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
Pernambuco e seu desenvolvimento histórico [22/12/1894]. In:
Ensaios e estudos, 4ª série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
Os Bacaeris [1895]. In: Ensaios e estudos, 3ª série. Rio de
Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
Caminhos antigos e povoamento do Brasil [1899]. In: Caminhos
antigos e povoamento do Brasil. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP,
1988.
O Brasil no século XIX [1900]. In: Ensaios e estudos, 3ª série.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
O descobrimento do Brasil. Povoamento do solo, evolução social
[1900]. In: O descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização
Brasileira, 1976.
Diálogo das grandezas [1900-01]. In: Ensaios e estudos, 1 ª
série. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
A geografia do Brasil [1904]. In: Ensaios e estudos, 2ª série. Rio
de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
História Pátria [1905]. In: O descobrimento do Brasil. Rio de
Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

Traduções:

SELLIN, A. **Geografia geral do Brasil.** Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves e C. editores, 1889.

KIRCHHOFF, A. **O homem e a terra.** Esboço da correlação entre ambos. Rio de Janeiro: Laemmert e C., 1902.

5.2 Artigos e livros sobre Capistrano de Abreu

AMOROSO, Maria Rosa e SÃEZ, Oscar Calávia. Filhos do Norte: O indianismo em Gonçalves Dias e Capistrano de Abreu. In: DA SILVA, Aracy Lopes e GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org). **A temática indígena em sala de aula.** Novos subsídios para professores de 1° e 2° graus. Brasília: MAC/MARI/UNESCO, 1995.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Ronda noturna. Narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu. **Estudos Históricos,** n.1, p. 28-54, 1988.

BARROSO, Gustavo. Capistrano de Abreu e a interpretação do Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,** Vol. 221, out./dez. 1953.

BOTTMAN, Denise. **Padrões explicativos da historiografia brasileira.** Campinas: 1985.

_____. A propósito de Capistrano. **Primeira versão,** São Paulo: Unicamp, 1990.

BRANDI, Felipe de Souza Dias. Ensaios de afirmação nacional. Capistrano de Abreu e o Descobrimento do Brasil. **Racunhos de História,** Rio de Janeiro: PUC, Edição especial, 1997.

CÂMARA, José Aurélio Saraiva. **Capistrano de Abreu.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

CARMO, J.A. Pinto do. **Bibliografia de Capistrano de Abreu.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

FALCON, Francisco José Calazans. As idéias e noções de 'Moderno' e 'Nação' nos textos de Capistrano de Abreu. Os Ensaios e estudos, 4ª série – comentários. **Acervo.** Revista do Arquivo Nacional, Vol. 12, N.1/2, jan./dez. 1999.

FILHO, Rodrigo Octavio. A vida de Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,** Vol. 221, out./dez. 1953.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. Capítulos de Capistrano. **Projeto integrado de pesquisa.** CNPq, 1996.

MATTOS, Pedro Gomes de. **Capistrano de Abreu.** Vida e obra do grande historiador. Fortaleza: A. Batista Fontenele Editora, 1953.

MONTEIRO, Honorina de Abreu. O avô que eu conheci. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,** Vol. 221, out./dez. 1953.

MONTEIRO, Mozart. Curso Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,** Vol. 221, out./dez. 1953.

NASCIMENTO, Alba Cañizares. **Capistrano de Abreu.** O homem e a obra. Rio de Janeiro: Briguiet e cia, 1931.

ORIBE, Aquiles B. **Capistrano de Abreu -** Perfiles de su personalidad. Montevideo: El siglo ilustrado, 1927.

REBELLO, E. Castro. **Capistrano de Abreu.** Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

REIS, José Carlos. Anos 1900. Capistrano de Abreu. In ____ **As** identidades do Brasil. De Varnhagen a FHC, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2001.

RIBEIRO, Maria Luiza Gaffrée. **Uma ruptura na historiografia brasileira.** A formação intelectual de Capistrano de Abreu. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 1990.

RODRIGUES, José Honório. Duas obras básicas de Capistrano de Abreu. In:____ Vida e História. São Paulo: Perspectiva, 1986.

____. Capistrano de Abreu e a historiografia brasileira. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,** Vol. 221, out./dez. 1953.

_____. Explicação. In ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História colonial.**Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

SOBRINHO, Barbosa Lima. Capistrano de Abreu – historiador. **Revista do Instituto e Geográfico Brasileiro,** Vol. 221, out./dez. 1953.

TAUNAY, Afonso de E. Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,** Vol. 221, out./dez. 1953.

VAINFAS, Ronaldo. Capítulos de História Colonial. In MOTA, Lourenço Dantas (org). **Introdução ao Brasil.** Um banquete no trópico, São Paulo: SENAC, 1999.

VIANNA, Hélio. **Capistrano de Abreu.** Ensaio bioblibiográfico. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

WEHLING, Arno. Capistrano de Abreu. A fase cientificista. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,** Vol. 331, abr./jun. 1976.

_____. Capistrano de Abreu e o descobrimento do Brasil. **Acervo.** Revista do Arquivo Nacional, Vol. 12, N.1/2, jan./dez. 1999.

ZEMELLA, Mafalda P. Capistrano de Abreu, o historiador e o homem. **Revista de História,** São Paulo, vol. 17, jan./mar. 1954.

5.3 Obras Gerais

ANTONI, Carlo. L'historisme. Paris: Louvain, 1963.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX.** Dinheiro, poder e as origens do nosso tempo. São Paulo: Unesp, 1996.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Guerra Paz.** Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

BESSONE, Tânia Maria. **Palácios de destinos cruzados.** Bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870/1920. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

BLOCH, Marc. **Introdução à História.** Lisboa: Publicações Europa-América, s.d.

____. História e historiadores. Lisboa: Teorema, 1998.

BROCA, Brito. **Naturalistas, parnasianos e decadistas.** Campinas: Unicamp, 1991.

BURNS, E. Bradford. As relações internacionais na primeira república. In FAUSTO, Boris. **História geral da civilização brasileira**, tomo III, vol. 2, São Paulo: Difel, 1977.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira –** Momentos decisivos. São Paulo: Martins, 1969.

____. **O método crítico de Sílvio Romero.** São Paulo: Edusp, 1988.

CANO, Jefferson. Machado de Assis, historiador. In CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, L.A.M. **A História contada.** Capítulos de História social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CATROGA, Fernando. Romantismo, literatura e História. In MATTOSO, José (dir). **História de Portugal**. Vol. 5. Lisboa: Editorial Estampa, s.d.

CARVALHO, José Murilo. **A formação das almas.** O imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAVALCANTI PROENÇA, M. José de Alencar na literatura brasileira. In ALENCAR, José de. **Obra completa,** vol. 1, Rio de Janeiro: Aguilar, 1959.

COSTA LIMA, Luiz. História e Natureza no romantismo. In: O controle
do Imaginário. Razão e imaginação no ocidente. São Paulo: Brasiliense,
1984.
Terra ignota. A construção de Os Sertões. Rio de Janeiro: Civilização
Brasileira, 1997.
COUTINHO, Afrânio. A polêmica Alencar-Nabuco, s.e, s.d.
DIAS, Maria Odila Silva. O fardo do homem branco. Southey, o historiador
do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
O Brasil na historiografia romântica inglesa. Um estudo de afinidades
de visão histórica: Robert Southey e Walter Scott. Anais do Museu Paulista,
Vol. XXI, São Paulo, 1967.
DONATO, Eugenio. The Museum's Furnace: Toward a contextual reading of
Bouvard et Pécuchet. In HARARI, Josué. Textual strategies. Perspectives
in Post-Struturarism criticism. New York: Cornell University Press, 1989
[1979].
EL FAR, Alessandra. A encenação da imortalidade. Uma análise da
Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República, Rio de
Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.
ELIAS, Norbert. Mozart. Sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
Editor, 1995.
Sociogênese da diferença entre Kultur e Zivilisation no emprego
alemão. In: O processo civilizador, Vol.1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar
Editor, 1994.
EUJANIAN, Alejandro C. Polémicas por la historia. El surgimiento de la crítica
en la historiografia argentina, 1864-1882. Entrepasados , Revista de Historia,
ano VIII, n.16, 1999.
FILHO, Rubens Barbosa. Tradição e artifício. Iberismo e barroco na
formação americana. Rio de Janeiro: Revan, 2000.
FRANÇA, José Augusto. Balanço do Romantismo. In O Romantismo
em Portugal. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.
FEBVRE, Lucien. Michelet e a renascença. São Paulo: Scritta, 1995.

FOUCAULT, Michel. Arqueologia do saber. Petrópolis: Vozes, 1971.

GINZBURG, Carlo. A micro-história e outros ensaios. Lisboa: Difel, 1989.

GIRARDET, Raul. **Mitos e mitologias políticas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Angela Maria de Castro. **História e historiadores.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos,** n.1, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas,1988.

_____. Para reescrever o passado como História: o IHBG e a Sociedade dos Antiquários do Norte. In HEIZER, Alda e VIDEIRA, Antonio Augusto P. Ciência, Civilização e Império nos Trópicos. Rio de Janeiro: Access, 2001. GUIMARÃES, Maria Lúcia Paschoal. História Geral do Brasil. In MOTA, Lourenço Dantas (org). Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico, vol. 2. São Paulo: Senac, 2001.

HANSEN, Patrícia Santos. **Feições e fisionomia.** A História do Brasil de João Ribeiro. Rio de Janeiro: Access, 2000.

HESPANHA, A. M. **As vésperas do Leviatã.** Instituições e poder político em Portugal, século XVII. Lisboa: 1986.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780.** Programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque. América Portuguesa e índias de Castela. In: Visão do Paraíso, os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 2000.

____. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUPPERT, George. L'idée de l'historie parfaite. Paris: Flamarion, 1973.

KOSELLECK, Reinhartdt. Uma História dos conceitos. Problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos,** Vol. 5, n. 10, 1992.

_____. Historia Magistra Vitae. In:_____ **Futures Past.** On the semantics of historical time. The Mit Press, 1985.

____. Le concept d'histoire. In____ **L'experience de l'histoire.** Paris: Gallimard, Le Seuil, 1997.

KOSERITZ, Karl von. Imagens do Brasil. São Paulo: Martins, 1943.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1996.

LAVASSEUR, E. (org). **O Brasil, 1889.** Rio de Janeiro: 2ª edição, Bom Texto, 2001[1889].

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

MAGNOLI, Demétrio. **O corpo da pátria.** Imaginação geográfica e política externa no Brasil, 1808/1912. São Paulo: Unesp, 1997.

MALATIAN, Teresa. **Oliveira Lima e a construção da nacionalidade.** Bauru: Edusc, 2001.

MASTROGREGORI, Massimo. **El manuscrito interrumpido de Marc Bloch.** Apologia para la historia o el oficio de historiador. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo saquarema.** A construção do Estado Imperial. Rio de Janeiro: Access, 1994.

MATTOS, Selma Rinaldi de. **O Brasil em Lições.** A História como disciplina escolar em Joaquim Manuel de Macedo. Rio de Janeiro: Access, 2000.

MATTOSO, José. História de Portugal, vol.5, Lisboa: Estampa, s.d.

MELLO, Evaldo Cabral de. **Rubro Veio.** O imaginário da restauração pernambucana. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

MERQUIOR, José Gulherme. **De Anchieta a Euclides.** Breve História da Literatura Brasileira, 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

MOMIGLIANO, Arnaldo. L'histoire ancienne et l'antiquaire. In _____. Problèmes d'historiographie ancienne et moderne. Paris: Gallimard, 1983.

MINK, Loius O. Narrative form as a cognitive instrument. In CANARY, R. e KOZICKI, H. **The writing of history.** Literary Form and historical understanding. London: The University of Wisconsin Press, 1978.

MORSE, Richard. **O espelho de próspero.** Cultura e idéias nas américas. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

NETO, A. L. Machado. **Estrutura social da república das letras.** Sociologia da vida intelectual brasileira. São Paulo: Edusp, 1973.

OLIVEIRA MARTINS, Joaquim Pedro de. Camões, os Iusíadas e a renascença em Portugal. Porto: Livraria Ernesto Chadron, 1891.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na primeira república.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, Almir Leal de. **O instituto histórico, geográfico e antropológico do Ceará.** Memória, representações e pensamento social (1887-1914). PUC-SP, 2001.

OLIVEIRA LIMA, M. Formação histórica da nacionalidade brasileira, Rio de Janeiro, Topbooks, 1997 [1911].

PONTE, Carmo Salazar. **Oliveira Martins.** A História como tragédia. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

PRADO, Eduardo. A ilusão americana. São Paulo: Ibasa, 1980 [1893]

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil.** Ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo: Companhia das Letras,1997 [1928].

REVEL, Jacques. Conhecimento do território, produção do território. França, séculos XIII-XIX. In:____ A invenção da sociedade, Lisboa: Difel, 1989

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa, vol. III. Campinas: Papirus, 1997.

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da História do Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

____. **A pesquisa histórica no Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.

SAID, Edward. **Orientalismo.** O Oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 [1978].

SARAIVA, Antônio José. **Para a História da cultura em Portugal.** Vol1. Lisboa: Livraria Bertrand, 1980.

SERRÃO, Joel. Esta palavra decadência. In ____. **Temas de cultura portuguesa.** Lisboa: Livros horizonte, 1983.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão.** Tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SCHOULTZ, Lars. **Estados Unidos: poder e submissão.** Uma História da política norte-americana em relação à América Latina. São Paulo: Edusc, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador.** D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

____. **O espetáculo das raças.** Cientistas, instituições e questão social no Brasil. 1870/1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SODRÉ, Nélson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

STOCKING Jr, George. **Victorian anthropology.** New York: The Free Press, 1987.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros.** A reflexão francesa sobre a diversidade humana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, vol. 1, 1993.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In____ **Projeto e metamorfose.** Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

VENTURA, Roberto. **Estilo tropical.** História cultural e polêmicas literárias no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VEYNE, Paul. **Acreditavam os gregos em seus mitos?**, São Paulo, Brasiliense, 1984.

WHITE, Hayden. **The content of the Form.** Narrative discourse and historical representation. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1987.

Mas, as villas da serra não são bastantes populosas: além de Sorocaba, ou de Itú, ou de Guaratinguetá começa o deserto, a população termina bruscamente, como montanha em talhado. E quando, descobertas as minas, tratou-se de povoar os territorios antes tantas vezes talados pelas bandeiras, as villas do Tietê e do Parahiba do Sul ficam exhaustas alheios a considerações sentimentaes procupida preferencia Bahia e Rio de Janeiro da prosperos e que mais prospetão ainda com suas correntes que vinham fectudantes; para ahi caumharam os povos de Goyaz, Cuyabá, Mato Grosso que não demandaram o deserto do Amazonas.

A Bahia, a Bahia de Coutinho e Thomé de Sousa, não a que resultou de o tantas annexações e hoje nos é familiar, es a tende-se primeiro pela praia, do Sul a Nor a á distancia em que os rios dão vau, occo o rio S. Francisco de Este a Oste, de Noi deste a Sudoeste; mas não se limita a uma só margem abarca, logo actina de Paulo Affonso, al que pertenea a Pernambuco e vai povoando a inimerruptamente, enchendo-as de gado, que ennedtra seu optimum no terreno salitrado, nos campos mimosos e por fim se adapta ás catingas, aos agrestes e carrascos o gado transporta o dono. E pullulam fazendas e nascêm estradas, e o povoamento quasi continuo se torna ao menos for sentido longitudi. A população bahiana transborda para Ma-

ranhão, Piauhy; remonta depois para todos os descobertos auriferos que sem gado teriam perecido no nascedouro.

Desde que recebe o rio Grande pela marirem esquerda até fenecer no mar, o S. Francisco Lifao conta affluente perenne, porque as cisco Lifao conta affluente perenne, porque as

divisorias de aguas se multiplitat os quocientes mingul em igual proporção o mesmo succede aos rios que correm entre São Francisco e Parnahiba. E esta circumstantia tão prejudicial a outros respeitos, teve un bom: — o de facilitar a passagem de para chiral bacia, favorecendo assim a

m/ as para out ?

Conquisted a mineray

margin/ mais majots/)

as church excandent

oregine plans

P. 115 (ad Sociepation)

a matay visinhay a cath Os balylanos, não conseguindo vencer o Paraguaçú acompanharam-no até as origens. Ahi bifurcaram-se rumo do São Francisco, onde affluiam as boiadas de Pernagua em busca de Jacobina, e não tardou muito que as minas de ouro tudo incendiassem; ou tas passaram para as cabeceiras do rio de Conta;, do rio Verdo do Jequitinhonha, comarcando a fimbria occidental da matta littoranea, facilitando sua ruptura para o mar, ligando-se ás estradas mineiras Mas o Rio e S. Paulo. De Araçuahy ao Rio a distancia é approximadamente a mesma que á Bahia, porém as communicações para esta se faziam com mais commodidade, em menos tempo e obtinham preferencia.

Pernambuco, a primeira capitania no se-culo XVII adormere sobre os louros colhidos na guerra hollandeza. No S. Francisco vê apenas margem nesta margem ve apenas o trecho desimpedido, a caxocira de Paulo Afíonso amedronta-o Por ser Alagôas dif ferencia-se, e é symbolico o limite pelo Mo-xotó, bem juito ao sumidouro. Além do su-midouro abandonou-se tudo aos bahianos limite actual pelo Páo da Arara ou Páo da historia relembra a pungente historia perpétua da justiça immanente das cousas.

Para o Norte, desde a Parahyba a acção A pernambucana directa ou indirecta apparece pernambucana directa on indirecta apparece mais efficazi o nome pernambucano repercute muitas vezes nos territorios de Borborema, Cariry. Ibiapaba daj-se pelo interiori desde o Piaulty até Recife e Obrida mas mesmo alti as communicações com a Bahia se estabelectro de continuaria sempre, continuaria ainda hoje muito reduzidas, embora de Pernambuco que algum tempo alcançon de Carambuco que alcançon de Carambuco nambuco, que algum tempo alcançou de Carinhanha a Amarração, teve de dividir sua herança pelo Ceará, Rio Grande do Norte. Parahyba, Alagôas e Bahia

sen folm no hand grancidured of open dott day de Een Rue.

1.1 /14:

P. 115/116 (11 soccifAb)

já no seculo XVII, o Maranhão ter, cost of disatinged on unir-se á Bahia e Pernambuco nseguiu-o, utilisando o Parnahiba Vo São Francisco mas d'seu movimento broprio no decimo nono seculo, consistio na procura do rio Tocantins, isto é de Goyaz e do Pará. Graças a este esforço pertence-lhe o territorio que vai do Manoel Alves Grande ao Gurupy. Não é muito: mas ao passo que Pernambuco minguava o Maranhão crescia. Assim no principio do seculo ultimo estava todo o paiz ligado, imperfeitamente embora, por meio de vias terrestes ou fluviaes. Chegar-se-hia a formar um conjunto, uma nacionalidade? O systema colonial era a divergencia, o particularismo; o centro ficaya além mar Por circumstancias conhecidas a côrte portugueza transplantou-ser ficou intrinseco o centro que estava fóra. Treze annos reinou D. João VI dez annos reinou D. Pedro I. e tão suave comerçou a convergencia das partiralmente correir o processo de tes. e tão naturalmente correu o processo de das realizadas nestes dous reinados, tudo patitou se por uma evolução gradual e legitima. Tão cimentada fícou a obra nacional que desafiou as criscs que acompanharão as regen com cia e ainda entrarão pelo segundo reinado.

A cidade de S. Sebastião, mais moderna que S. Paulo ou Pernambuco ou Bahia, me nos illustre que qualquer dellas, prospera verdadeiramente só depois que os paulistas rasgarão a cintura de matas ambientes, contra a qual os cariocas não se animarão, foi escolida para a côrte e residencias ssim decidio-se a seu favor a questão da primasia que as outras tres com muito mais razão podião reclamar, questão que em outras con-dições seria causa de lutas desesperadas e sanguinolentas, como foi por exemplo no Prata. Por ter sido uma vez a cabeça continua ainda le continuará muito tempo ainda, apesar da ameaça guayana si não foi aqui que primeiro se concebeu a idéa de uma nação, aqui pelo menos se realizad este sonho que bem perto esteve de esvahir-se como sonho. and mak a lida

P. 116/11+ (ed soccepto)

Formacas da limite

Os papas Nicolau V, Calixto III, Sisto IV concederam á corôa portugueza as terras e ilhas do Atlantico novamente descobertas sob o influxo do infante D. Henrique e dos seus successores immediatos. Com sorpreza de Portugal obtiveram os reis catholicos um do mesmo genero depois de Christovão Colombo tornar de sua primeira viagem maio de 1493 attribuiu, lhes Alexandre VI todas as terras e ilhas descobertas e por descobrir, situadas cem leguas a Oeste de qualquer das ilhas do Açores e do Cabo-Verde.

Protestou contra o acto pontificio D. João II, julgando-o lesivo de seus direitos. Depois do protesto entabolaram negociações os monarchas proximos parentes, 2 contros e afinal concluiram accordo de Tordesilhas. O convenio/assinado em 7 de Junho de 1494, manteve o principio promulgado pelo Papa: a divisão do mundo em dois hemispherios, pertencente um a Portugal, outro á Espanha; modificou, porém, o numero de leguas, elevando-as de cem a trezentas e setenta, e o pontode partida paras a contagem, que seria unia Illia, não, especificada então nem depois, archipelago do Cabo Verde. O arreglo foi me ramente formal e theorico; ninguem sabia o que dava ou recebia, si ganhava ou afinal perderia com elle.

O descobrimento do Brasil, cumprido alguns annos depois por Pedralvares Cabral, foi precedido da expedição de Vicente Yañez Pinzon; mas os espanhoes não allegaram prioridade nem duvidaram coubesse a terra dos Papagaios dentro na raia portugueza. Seus interesses estavam ao Norte, não ao Sul da equinocial, que só começou a valer com a armada de D. Nuno Manuel e o descobrimento de Vasco Nunez de Balboa.

as terres occidentais.

3/

119 (idsoccARRE)

As primeiras duvidas sobre a linha divisoria surgiram no mediterraneo austral-asiatico. Segundo o parecer de Fernão de Magalhães comprehendiam-se nos dominios da Espanha as Molucas, tão cobiçadas por suas especiarias. Para provalo emprehendeu a viagem em que descobriu o estreito ainda hoje conhecido por seu nome, atravessou o oceano Pacifico, chegou pelo Prente ao Levante, como nebulosamente concebera e nunca realizou Colombo. Depois de sua morte Sebastian d'Elcano concluiu o periplo incomparavel. Volta á patria, em Setembro de 1522, manifestou a mesma crença nos direitos de sua nação e a urgencia de reivindicalos.

tre elle e a de Portugal estabeleceu-se uma discussão enfadonha, allegando-se ora a prioridade do descobrimento, ora a legitimidade do dominio no archipelago prestigioso. Do debate resulton a capitulação de Sarago (a, em Abril de 529. Admittindo que as Molucas pertenciam legitimamente á corôa espanhola, D. João III comprou os direitos de Carlos I, rei da Espanha, imperador d'Allemanha, por tre-

a contemporabeles

P-120/121

TI

zentos e cincoenta mil ducados. Si mais tarde verificassem a não existencia de taes direitos, o imperador-rei restituiria a somma recebida. A linha divisoria passaria naquelle hemispherio duzentas e noventa e sete e meia leguas ao Oriente das Molucas; a legua seria das de dezesete e meia o grau no equador.

Un machado de metal levado á peninsula pela armada de D. Nuno Manuel em 1514, do lio por este motivo ainda hoje chamado da prata, as expedições de Solis, Christovão Jaques, Cabot e Garcia, deram reales as terras latina levantarom a questão de limites to continente americano. Surgiram e artasta ram-se os debates a proposito da expedição de Martim Affonso de Sousa (1530-1533), sempre sob a dupla face de prioridade do descobrimento proclamada por Portugal e de legitimicade de dominio, allegada por Castella. Em Setembro de 32, exprimia D. João III a idéa de distribuir em capitanias hereditarias o territorio situado entre Pernambuco e rio da Pratal has doações feitas mais tarde, avançou apenas até 28º 1/2 vista das reclamações espanholas? ou, segundo parece, de observações astronomicas de Martim Affonso ? Assim reconheceu ipso facto que seus dominios não iam alem das terras de S. Anna na Laguna. Os espanhoes estendiam, porem, suas pretenções mais para o Norte. Em 534, Ruy Mosquera estabelecide no Iguape, repelliu com vantagem um ataque de Pero de Goes e saqueou S. Vicente. Diversos documentos officiaes contemporaneos traçan a linha divisoria desde Cananéa e até desde S. Vicente.

. A/

Noin

P.121 (socce/16new)

Em compensação Magalhães antes de partir deixou escrito: Ten el cabo de Santa Maria que es en la mesma terra del Brasil de Portugal estal en trezontos y cinco gratis de latitud.

Com a união das duas corôas peninsulare em 1580 decresceu a importancia da fronteiras renevada e á attenção concentrou-se na zonia. Ante as incipientes incursões a caramengos e inglezes, conhecidas apenas a se estabeleceu Castello Branco em 1616, pareceu acertado confiar as novas conquistas á guarda dos portuguezes, mais proximos e melhor preparados para defendelas.

A creação de um governo separado no Maranhão em 1622 representou o primeiro passo neste sentido.

Ainda mais decisiva foi a creação de duas capitanias hereditarias, sujeitas ambas á corôa portugueza, em terreno indiscutivelmente espanhol pelo espirito e pela lettra de Tordesilhas: a de Cametá, concedida a Feliciano Coelho de Carvalho, limitada a Oeste pelo Xingú na margem direiro, a do cabo do Norte na margem esquerda do Amazonas, concedida a Bento Maciel Parente, limitada a Oeste pelo Parú.

122 @ (od. soc. 1 -(xb)

sate Potential

destroganos, que ainda air sim comunicam quanda among de auforces parte communicamentos

11

Em 1639, Pedro Teixeira voltando de Quito, tomou posse em nome del trei de Portugal das terras situadas entre o rio Aguarico, affluente do Napo, e o mar. Faltavalhe autoridade para tanto; mas seu acto foi mais tarde e muitas vezes invocado e acceito como titulo de posse.

No Sul, o movimento colonisador se operou com muita lentidão por parte de Portugal, acompanhando o littoral dos actuaco estados do Parana e em Santa Catharina, e continuou do mesmo modo ainda depois de 1640, sacudido o jugo espanhol. Por sua parte os espanhoes não curaram de occupar a margem esquerda do Prata. Seus interesses não urgiam no Atlantico, mas além dos Andes, no Pacifico.

Si persistissem as reducções de Guairá fundadas pelos jesuitas avançariam naturalmente para o Oriente chegariam á marinha os jesuitas perseverantes creapam as missões do Uruguay depois que as bandeiras destruidoras talaram as do Paraná as relações dellas gravitavam para Buenos Aires e Asuncion, como estas capitaes só se entendiam com a registo transandina.

Autores e cartographos portuguezes discutiam entretanto o meridiano de Tordesilhas, traçando-o uns pela foz do Prata, outros pelo golpho de São Mathias, na Patagonia. Taes ideas tornaram-se correntes. Depois de ratificada a paz que reconheceu sua independencia da Espanha, o monarcha de Portugal outorgou uma capitania a um dos netos de Salvador. Correa, balisando-a pelo estuario platino. Em 1680 mandou fundar na margem septentrional do Prata, a dez leguas de Buenos Aires, a

seturi duits of

a legary en quant under

fireward white the state of the

1223 (rdsoc-12)

Apenas certificou-se de sua existencia José
Garro, governador espanhol da margem fronteira, atacou-a e tomou-a. A noticia transmittida
a Europa quasi desencadeou nova guerra. Procurou-se ainda uma vez
apurar o verdadeiro alcance da linha de
Tordesilhas. Não se conseguiu. A Espanha condescendeu em reconstruir a fortaleza tomada
e restituir provisionalmente o territorio, para
afactar qualquer motivo de irritação do debate,
que deveria correr no terreno diplomatico.

Ao rebentar a guerra da successão da Espanha, el rei de Portugal esposou a causa do duque de Anjou, que por isso lhe cedeu o territorio disputado no Prata. Mais tarde mudou de partido e alliou-se á Inglaterra, sem a qual não poderia continuar potencia colonial, a favor do pretendente austriaco. Dahi resultou nove ataque e nova tomada da colonia do Sacramento, que permaneceu em mãos do inimigo de 1706 a 1715.

Levara até então vida bem singular o estabelecimento portuguez. "A nova colonia do Sacramento por mercê de Deus se conserva, escrevia alguem pouco depois de 1690, por metterem nella um presidio fechado sem mulherio que é o que conserva os homens, por10

melo subdition in Calyd V

123 (124 led societaca)

Assim as asperezas do caminho difficultavão o trato entre o interior e o littoral. In não o favoreciam as condições economicas, pois Piratininga só precisaria de sal, polvora, firma alguns tecidos e quasi só podia dar em troca algun ouro de lavagem, que desde logo foi sendo extratido, e os indios apanhados nas bandeiras, que, mescendo-se pelo proprio pé, dispensavam conducções dispendiosas. Actrescente-se que os habitantes do campo cegavam ás vezes os camínhos, para tolhe a acção das autoridades de serra abaixo, representantes do poder real ou senhorial. De tudo, resultar a necessidade de considerar o provoado serrano independente de Santos, de S. Vicente e da marinha em geral. Esta, fique logo entendido, só em nossos dias sacudiu o fetargo.

cudiu o fetargo.

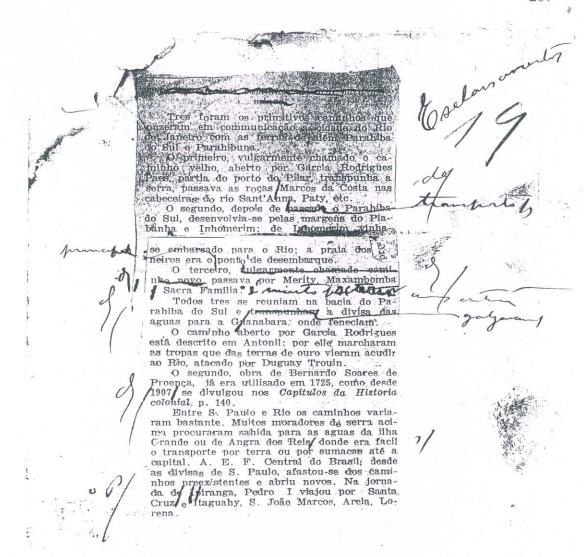
A situação geographica de Piratininga impellia-a para o sertão, para os dous rios de cuja bacia se avizinha, o Tietê e o Parahiba do Sul, theatros provaveis das primeiras bandeiras, que tornaram logo famoso e tentido o nome paulista. No Paraná os jestitas do Paraguay foram reumindo e domesticando nu merosas tribus inermes, indefezas.

palgum glad

broncos

A. 64/65 (id socc.(1620)

1



O Travel,

2/17/19

resca ouvin a Dri.

a becreação do throno e

de sua volto mundo de
de sua vontado De ta
centre de 7 des pell mão

de sua vontado De ta
centre de 7 des pell mão

de sua vontado De ta
centre de 7 des pell mão

de grande maio

de autori
de la de prestigio.

de la 1821 transformara
de autorida de 1821 transformara
de autorida de gente mineira, nas

autadas cariocas. Os antigos ad
de autorida de gente mineira, nas

autadas cariocas. Os antigos dos

de fendidas pelos amigos dos

de defendidas pelos amigos dos

de cos difficeis, desgostosos ou es
corraçados. Sangrava a tracpendenella da Cisplatina, huminação suprenia. Doia a memoria da onfedera
gão do Equador. Na Europa irom
pera a fera das revoluções cena
vain-lhe da península destinos tal
vez mais brilhantes. A bella apem
triz, rosa a que jurara amor e fi
delidade, abafava na capital barba
ra e immunda, tropeçando a cada

passo nos vestigios flagrantes da

narqueza fatal; esta, expulsa brutal
mente, segundo estipulações que pro
cederám o casamento podla voltar

de novo, como já succedera outra

vez.

O fundador do imperio preferiu
partir, deixando aluido o soilo.

O fundador do imperio preferiu partir, deixando aluido o solio. Il-lhos impuberes de José Bonifacio como ser Nem um passo podia da mais acertado no interesse da dynastia. De um só goipe redimiam-se todos os erros e todas as culpas do reinado. O joven herdeiro, tornado orphão da nação, apparecia á luz mystica do direito divino, que aos monarchas de certos páizes conferia o poder de alporeas e remanescia no beixa-mão de Portugal.

filha de principe languis, mille de Jose fina, primeire multide Napolicaj

du que un boutode

Salatem

7 Tours de Capada Jarginia o Janet, alutiones Elipsian, a tallat (allima) De mara, o Brasil inteiro estribuxou has convulsões de u dedirio in Do Marajo ao Chuy vustius onda da anarchia que tudo allas de la companiente de la compan

os partidarios da volta do ex-imperenti, nativistas xehophobos, federafistas republicanos, um verdadeiro
pandemonio.

Aptudo resistiram os Regentes. A
existencia, por assim dizer symbolica, do imperador-menino communicul-lhes força sobrenatural, o desintoresse com que se batian collo-ouos a coberto de desconfianças. Quasi sem intersticio batalharam durante dez annos. Por seus esforços
con que se sobresse o viris subversivo attenuou-se, quasi
todo o paiz voiveu ao aprisco e alfoi perdendo a capacidade de novas
revoluções.

revoluções.

A regencia surgiu espoutanca, a 7
det fril, do meio das arruaças, comnosta, de tres das mais salientes risuras do momento. Com a reunião
das Camaras elegeram-se em junho
os tres regentes definitives prescritos pela Constituição. Os succesaos mostraram os inconvenientes da
autoridade fragmentada. O acto addicional à Constituição determinou
que o regente fosse um so.

O acto addicional, promuzgado em

O acto addicional, promu!gado em 34, minorando a centralização que recedera ao regimen colonial, dando liberdade às provincias mandetadas, munindo-as de poder legislativo, dando lhes attribuições que pareceram depois excesivas, facilitar obra da regencia, o caldeamente da parece la seguidade.

def

fore has a book of your gove !

tt, 3: 3/11, p. 75

